

**PERFORMANCES CORPÓREO-DISCURSIVAS DE NORDESTINOS NA FAN PAGE
“NAÇÃO NORDESTINA”**

Ana Cristina Lobo-Sousa
crisloup@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4500064050573580>

RESUMO

Em nossa atividade discursiva diária construímos possibilidades de identidades, aderindo ou resistindo a categorizações dicotomizadas da vida social (PINTO; FABRÍCIO, 2013), tais como as que definem negativa e pejorativamente os nordestinos ou as que buscam enaltecer a imagem desse grupo, especialmente nas redes sociais. Diante disso, este trabalho tem o objetivo de compreender a constituição identitária de nordestinos em redes sociais considerando-se as relações que podem ser estabelecidas entre ideologias linguísticas (BLOMMAERT, 2014) e a estabilidade/mobilidade de suas performances corpóreo-discursivas (BUTLER, 1990). Para tanto, constituímos um *corpus* de 40 postagens publicadas na *fan page* “Nação nordestina” no ano de 2016. Como resultados alcançados, destacam-se, no tocante aos aspectos ligados à performance, a recorrência de estereótipos de uma figura nordestina de sofrimento e, no que se refere a ideologias linguísticas, o uso de uma variação linguística do tipo diatópica que está longe de representar toda a região nordestina.

Palavras-chave: Constituição identitária. Performances corpóreo-discursivas. Ideologias linguísticas.

Considerações iniciais

Manifestações linguísticas contendo ódio e intolerância contra os nordestinos têm sido frequentes nas redes sociais, especialmente quando relacionadas a eventos políticos, como o que ocorreu na primeira eleição de Dilma Rousseff, em 2010. Naquela ocasião, a estudante de direito Mayara Penteado Petruso havia postado mensagens em suas contas do *Twitter* e *Facebook* manifestando ódio contra os nordestinos que, em sua opinião, teriam

eleito Dilma, candidata do PT à presidência da república. A estudante foi processada por crime de racismo e de incitação pública ao crime de homicídio¹.

Nesse contexto de ações e reações inflamadas, pode-se perceber que algumas páginas do *Facebook* adotam o que poderíamos considerar como estratégia de microrresistência, consoante a visão foucaultiana de poder e resistência (FOUCAULT, 2014). Ao enaltecerem a região Nordeste e o jeito de ser nordestino contra as acusações de que eram os únicos responsáveis ou “culpados” pelo resultado das eleições presidenciais de 2010 e de 2014, uma *fan page* chama a atenção: “Nação nordestina” (<https://www.facebook.com/nacaonordestina/>). Criada em 2011 pelo poeta Bráulio Bessa, a página conta com mais de 1 milhão de fãs e tem por objetivo enaltecer a cultura nordestina.

Essa *fan page* constitui o que chamamos de textos multissemióticos ou multimodais, uma vez que sua textualidade é “composta por diversas linguagens, mídias e tecnologias” (ROJO, 2013, p. 19). Assim, palavra, imagem, som, cor, música e movimento combinam-se em uma pequena amostra de como os nordestinos constituem suas performances corpóreo-discursivas. Como defende Butler (2003), nossos atos de fala são performativos porque efeitos semânticos que nos fazem homens ou mulheres por meio de uma incessante repetição em interação com o(s) outro(s) nas diversas instituições das quais participamos. Essa iterabilidade (DERRIDA, 1991) leva-nos a compreender como essência aquilo que não o é, como que preexistindo ao discurso, cristalizado nos corpos (BUTLER, 2003) em nós, com o outro, por nós, pelo outro e pela linguagem.

Se, porém, vivemos em um tempo de mestiçagem, hibridismos e superdiversidade (MOITA LOPES, 2013), no qual os grupos sociais interagem com diferentes registros, estilos e gêneros em seus usos cotidianos cada vez mais hipersemiotizados em fronteiras porosas digitais, *como as práticas de linguagem de nordestinos em fan pages do Facebook refletem a diversidade que é constitutiva desse grupo social? Que ideologias linguísticas*

1 Dados obtidos em < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/43359-estudante-de-direito-e-condenada-por-ofensa-a-nordestinos-no-twitter.shtml>>.

são determinantes para a construção identitária de nordestinos no Facebook em suas performances corpóreo-discursivas?

Acreditamos que investigar atividades linguísticas em contextos plurissemióticos do ambiente virtual é vislumbrar a compreensão não apenas das práticas de linguagem de sujeitos em ambiente virtual, mas também do próprio grupo social que as produz. Afinal, como defendem Pinto e Fabrício (2013), os usos linguísticos em jogo e os corpos em interação precisam ser considerados a fim de explicar o modo como se dão as representações de performances linguísticas e corporais que se naturalizam como identidades fixas pertencentes a determinados grupos sociais, tais como as que consideram o nordestino como alguém irreverente, dotado de humor ou castigado pela seca.

Com base nesses pressupostos, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a constituição identitária de nordestinos em performances corpóreo-discursivas na rede social *Facebook* com base na identificação das ideologias linguísticas ali presentes. Este estudo baseia-se, portanto, nos conceitos de performatividade dos estudos *Queer* (BUTTLER, 2003) e no conceito de ideologias linguísticas, categoria da antropologia linguística que tem sido utilizada nos estudos sociolinguísticos (KROSKRITY, 2004; BLOOMMAERT, 2014). O artigo está organizado em três seções, além de introdução e conclusão. Na primeira seção, apresentamos os construtos teóricos que balizam a nossa análise, com a noção de performances corpóreo-discursivas e o conceito de ideologias linguísticas. Na segunda seção, descrevemos nosso percurso metodológico, apresentando os detalhes de coleta de nosso *corpus*. Finalmente, na terceira seção, procedemos à análise propriamente dita, mobilizando o nosso aporte teórico.

Performances corpóreo-discursivas e ideologias linguísticas

A compreensão de quem somos se dá com a linguagem em uso. Desse modo, explicam Pinto; Fabrício (2013), identidades são formadas na performance linguística, pois é em nossa atividade discursiva diária que aderimos ou resistimos às possibilidades de identidades em meio a manifestações de poder de uns sobre outros, as quais se apresentam por meio de sistemas de classificações dicotomizadas da vida social: certo/errado; normal/diferente; escolarizado/analfabeto, para citar apenas. É em nossa

atividade discursiva diária que somos partícipes ou não de uma construção que nos emancipa e/ou nos vitimiza.

Na esteira dessa perspectiva antifundacionalista dos significados tradicionais, Butler (2003) vale-se do pensamento de Austin (1990) no tocante ao conceito de linguagem performativa, no sentido de que dizer é fazer, para declarar que a linguagem, também ao se referir aos corpos, não apenas os descreve, mas constrói aquilo que nomeia, como “ser homem”, “ser mulher”. Desse modo, a filósofa relaciona performances linguísticas e identitárias ao propor uma teoria performativa do gênero e da sexualidade estendendo o caráter performativo da linguagem ao sujeito social. Para ela, esse sujeito é resultado de repetições que imprimem uma aparência de estabilidade, ainda que em meio a práticas de sujeição haja possibilidades de resistência e mudança.

Essa “repetição” é tributária do conceito de iterabilidade em Derrida (19991), para quem os enunciados são performativos porque resgatam outros enunciados iteráveis, ou seja, enunciados se ajustam às regras de uso ao se reatualizarem nos contextos da interação. Faz-se necessário que os significados sejam iteráveis a fim de que possam ser reconhecidos como fórmulas regulares que orientam a realização de determinados atos, em circunstâncias sérias ou não. É precisamente essa repetição, regulação na interação, que cria para os signos linguísticos uma ideia de estabilidade do significado.

É no âmbito das teorias *Queer* que Butler (2013) esclarece a expressão “performances identitárias” como sendo uma estilização repetida do corpo dentro de uma estrutura reguladora altamente rígida. Essa estrutura, em sua reflexão, é cristalizada no tempo e, assim, o que é uma performance passa a produzir uma aparência de substância. A autora considera performances de gênero, mas estendemos aqui o conceito para abarcar performances de grupos sociais, já que o termo “performance”, tributário da metáfora dramática de Goffman (1985), para quem os indivíduos desempenham papéis, com projeções de si e dos outros, tal como se estivéssemos em um teatro.

Para Butler (2013), as pessoas repetem atos performativos de gênero “masculino” e “feminino” e sua eficácia performativa impede identificarmos o ponto de origem dessas identidades, tal como ocorre com os signos linguísticos na teoria derrideana.

Um modo de referir Nordeste e, em consequência, o nordestino, também pode ser percebido, segundo Albuquerque Júnior (2011, p. 13), “na maior parte das vezes negativa e pejorativamente, como lugar do atraso, do rural e do passado persistente”. Em sua obra, o historiador pretende romper com a lógica identitária da ideia de Nordeste considerando que seus atores, no caso, os nordestinos, são “efeitos das práticas discursivas e não-discursivas que os integram na cultura e na instituição do social” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 16).

A construção identitária de nordestinos em redes sociais pode ser percebida em textos plurissemióticos permitidos pelos sistemas tecnológicos, nos quais esses sujeitos exemplificam o que sabem sobre a linguagem (metapragmática) esperada de determinado grupo social, seja para o processo de sua(s) própria(s) identidade(s), seja para o de outrem. Nas postagens, a escolha de recursos plurissemióticos e hipermodais além dos linguísticos, permite-nos identificar suas performances por meio de ideologias linguísticas.

Blommaert (2014) explica que o conhecimento metapragmático dos usuários revela-nos ideologias linguísticas, as quais dizem respeito a crenças, ideias, visões e percepções sobre linguagens e comunicação. Isso ocorre porque os falantes selecionam formas linguísticas a partir do que entendem como sendo o esperado e apropriado em uma situação comunicativa. Na seleção de enunciados e imagens que compõem o modo de ser/estar na rede social, “as pessoas produzem *semiose* (comportamento simbólico significativo) como *performance* e o fazem dentro de um campo regimentado no qual as ideologias linguísticas produzem estabilidade e capacidade de reconhecimento” (BLOMMAERT, 2014, p. 69, *grifos do autor*).

Assim, pode-se compreender que atribuir a determinada pessoa um modo de falar (como um “dialeto mais caricaturado” que se atribui ao nordestino) demonstra, em alguma medida, um conhecimento metapragmático sobre de que maneira alguém, pertencente a determinado grupo social, deveria/poderia falar/escrever. Essa consciência linguística e discursiva das pessoas ainda não tem sido suficientemente explorada pelos estudos linguísticos tradicionais.

Defendemos, com Blommaert (2014), que é dever do analista aceitar que, “sempre que nos comunicamos, não apenas comunicamos *em* nossa comunicação, mas também

sobre nossa comunicação” (BLOMMAERT, 2014, p. 70, *grifos do autor*). Blommaert (2014, p. 70) explica que “sempre identificamos significados indexicais (ideológicos) social e culturalmente compartilhados enquanto falamos, e esses indicadores fazem com que os outros percebam nossa conversa como ‘séria’, ‘engraçada’ ou ‘respeitável’.

Não obstante essa relevância, o pensamento de Butler acerca de performances de gênero permite-nos questionar e desestabilizar qualquer forma de naturalização, tal como a que se tem sobre o que é ser nordestino via canais de televisão como Rede Globo. Por fim, o conceito de “ideologias linguísticas” nos é importante porque “nos oferece um novo espectro sobre a variação linguística e seu significado nos contextos reais de sociedades reais” (BLOMMAERT, 2014, p. 68). Kroskrity considera que é possível exemplificar ideologias linguísticas “tanto como crenças sobre a linguagem como um conceito projetado para ajudar no estudo dessas crenças” (KROSKRITY, 2004, p. 501, *tradução nossa*²) se considerarmos cinco níveis, os quais, ainda que se sobreponham parcialmente, são analiticamente distinguíveis, a saber: (1) interesses de grupo, (2) multiplicidade de ideologias, (3) consciência dos falantes, (4) mediações entre estruturas sociais e linguagem em uso e (5) papel da ideologia linguística na construção da identidade.

Neste trabalho, utilizaremos os níveis 4 e 5. No nível 4, o de função mediadora das ideologias linguísticas, os falantes mostram a influência de sua consciência na seleção de aspectos dos sistemas social e linguístico que eles não distinguem “e em conexões entre os sistemas que eles constroem” (KROSKRITY, 2004, p. 507). De acordo com Moita Lopes (2013, p. 25), essa mediação “é marcada pelas indexicalizações linguísticas e discursivas no uso da linguagem que se referem às experiências socioculturais dos falantes e escritores, ou seja, índices de *performances* identitárias e das práticas discursivas em que eles estão envolvidos”. É precisamente esse nível que utilizaremos em nossa análise, por apresentar três instrumentos para análise: iconização, recursividade fractal e apagamento.

Kroskrity (2004) cita o trabalho de Irvine e Gal (2000) e descreve iconização como uma característica de representação das línguas. Trata-se de traços linguísticos que

2 Trecho original: “both as beliefs about language and as a concept designed to assist in the study of those beliefs” (KROSKRITY, 2004, p. 501).

indexalizam grupos sociais e, por isso mesmo, parecem ser representações icônicas deles, como os cliques da língua Khoisana da África do Sul, os quais eram compreendidos por linguistas como sons de animais e não como unidades fonológicas.

A recursividade fractal diz respeito às oposições intragrupos que se expandem para outros grupos. Moita Lopes (2013, p. 26) elucida esse item destacando que “uma oposição que marca diferenças dentro de um mesmo grupo pode ser expandida para marcar diferenças entre grupos”, tal como se pode perceber com as interjeições adotadas em diferentes partes do Brasil, as quais são, em um primeiro momento, associadas a determinados grupos sociais geográficos, a exemplo de “uai”, entre mineiros; “oxe”, entre baianos; e “tchê” entre gaúchos.

Finalmente, o apagamento se relaciona com a invisibilidade de alguns indivíduos e fenômenos em favor da homogeneidade. Ao simplificar o campo sociolinguístico, algumas pessoas ou práticas de linguagem tornam-se invisíveis, como o que se tem em um dicionário de variações linguísticas regionais que, na tentativa de registrar usos de uma região, acaba por invisibilizar alguns em favor de uma pretensa homogeneidade ou, ainda, adotar como sendo de uso geral o que é de uso específico.

O quinto e último nível refere-se ao papel das ideologias linguísticas na criação e representação de várias identidades sociais e culturais. Segundo Kroskity (2004, p. 511), trata-se de “explícitas tentativas de direcionar mudanças culturais e de alterar as identidades de pessoas através tanto de assimilação quanto conversão”. Moita Lopes (2013) adverte que no Brasil, ao difundir-se a ideologia de que se vive em um país monolíngue, excluem-se os falantes bilíngues e multilíngues de investimentos políticos voltados à educação de suas línguas. Nas palavras do linguista, “essa dimensão é importante por que os conceitos de nação, etnia e de pertencimento a um grupo dependem crucialmente dela” (MOITA LOPES, 2013, p. 27).

Por se referir a identidades sociais e culturais, o quinto nível de ideologias linguísticas será abordado na análise deste artigo. A seguir, descrevemos os passos adotados para o empreendimento de nossa análise.

Aspectos metodológicos

Nossa proposta de pesquisa se inscreve em uma abordagem teórica antifundacionalista da linguagem (AUSTIN, 1990; DERRIDA, 1991), uma vez que ela nos permite questionarmos qualquer forma de naturalização:

Nossa linguagem em uso, compreendida como arena de “embates” de significados, constrói uma série de categorias e sistemas de classificação que, construídas segundo oposições binárias, produzem as conhecidas matrizes dicotômicas reguladoras da vida social, como, por exemplo, entre tantas outras, identidade/diferença; normal/anormal; saudável/doente; e, verdadeiro/falso (PINTO; FABRÍCIO, 2013, p. 13).

Com isso, defendemos que a percepção de quem somos não é um dado *a priori*, especialmente no que se refere ao construto teórico identidade, o qual é aqui entendido como performance, porque é efeito discursivo de práticas de linguagem constantemente reiteradas. Trata-se de uma perspectiva pós-modernista, a qual entende que também a ciência é determinada por ideologias e, finalmente, uma perspectiva pós-estruturalista, que desloca o debate para as margens, os hibridismos e as práticas de linguagens com seus sujeitos sociais.

Nossa epistemologia, portanto, está alicerçada em estudos linguísticos aliados a estudos culturais que consideram as mudanças socioculturais e as hibridizações de vários tipos, especialmente as que se dão em ambiente virtual. Defenderemos, neste trabalho, que as identidades são construídas (SILVA, 2000), que o tempo é de não essencialidade. Interessa-nos compreender como a linguagem tem sido entendida e utilizada por internautas protagonistas em suas práticas sociohistóricas nas redes sociais, na constituição de suas performances corpóreo-discursivas, opondo-se especialmente à concepção de variedade linguística, pois, como Blommaert (2014) explica, esta noção pressupõe uso comum de língua por pessoas fixas em um tempo e lugar.

Tal perspectiva nos insere ainda no paradigma de pesquisa qualitativo-interpretativista. Sob esta perspectiva, o mundo social é construído através da linguagem, e só existe se considerarmos a inteligibilidade individual do significado construído socialmente (MELO; MOITA LOPES, 2014). O que interessa, então, para este tipo de pesquisa é o aspecto qualitativo ou particular do sujeito social inserido em determinado contexto. A linha de pesquisa se filia a uma Linguística Aplicada mestiça, de natureza interdisciplinar/transdisciplinar, que dialoga com teorias das áreas das ciências sociais e

das humanidades (MOITA LOPES, 2006) e entende a atividade de pesquisa como um fazer político, uma Linguística Aplicada ideológica, uma vez que a construção de teorias afeta o mundo social, implicando ações sociopolíticas.

Para o alcance de nosso objetivo, nosso universo de investigação é constituído por um *corpus* de 40 postagens que foram coletadas da *fan page* “Nação Nordestina” (<https://www.facebook.com/nacaonordestina/>), criada em 2011 e administrada por Bráulio Bessa. A página foi escolhida obedecendo o critério de relevância na rede, tendo ultrapassado mais de 1 milhão de curtidas. Esclarecemos que, nesse contexto,

o número de componentes da amostra é menos importante que sua relevância para o problema de pesquisa, de modo que os elementos da amostra passam a ser selecionados deliberadamente, conforme apresentem as características necessárias para a observação, percepção e análise das motivações centrais da pesquisa (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012, p. 55).

Não há dúvida de que “a internet constitui uma representação de nossas práticas sociais e demanda novas formas de observação, que requerem que os cientistas sociais voltem a fabricar suas próprias lentes, procurando instrumentos e métodos que viabilizem novas maneiras de enxergar” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL 2012, p. 13). Nesse sentido, é pertinente ainda “considerar sua natureza constantemente mutável e efêmera” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012, p. 17) para aceitar que esse lugar, a internet, é

um universo de investigação particularmente difícil de recortar, em função de sua escala (seus componentes contam-se aos milhões e bilhões), heterogeneidade (grande variação entre as unidades e entre os contextos) e dinamismo (todos os elementos são permanentemente passíveis de alteração e a configuração do conjunto se modifica a cada momento (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012, p. 55).

Por fim, resta esclarecer que os dados disponíveis na internet podem ser classificados em quatro níveis de privacidade: público, semipúblico, semiprivado e privado, ainda que os seus usuários não estejam cientes disso. Logo, entendemos que utilizar dados públicos não comprometem a ética da pesquisa, uma vez que não foram coletados dados de caráter privado.

Análise

A página “Nação nordestina” foi criada em 14 de dezembro de 2011 por Bráulio Bessa, que se apresenta como sendo “um caboco sonhador do sertão cearense”. A página tem por objetivo valorizar a cultura da região Nordeste por meio das redes sociais. À época de sua criação, a *fan page* se destacava como sendo uma das maiores páginas que retratavam a cultura nordestina, tendo mais de um milhão de seguidores, consoante dados obtidos em maio de 2017 e conforme se pode verificar na imagem a seguir:



Figura 01: *fan page* Nação Nordestina

A trajetória das postagens dessa *fan page* vem demonstrando mudança à medida que a carreira profissional de seu fundador vem alcançando projeção nacional. Após ser contratado pela emissora de televisão Rede Globo, por Bráulio Bessa vem segmentando cada vez mais a temática das postagens, enfocando sua produção poética por meio da literatura de cordel. Ainda assim, é possível observar alguma variedade na publicação de temas relativos ao modo de ser/viver nordestino consoante a perspectiva de Bráulio Bessa.

De acordo com Albuquerque Júnior (2011), o surgimento do Nordeste como um novo recorte espacial no país que se dá na segunda metade da década de 1910 e não pode ser compreendido se considerarmos apenas uma perspectiva econômica ou política. Para ele, o que ocorre é a “produção histórica de um espaço social e afetivo, a partir de diferentes discursos que lhe atribuíram determinadas características físicas e que o investiram de inúmeros atributos morais, culturais, simbólicos, sexualizantes, às vezes, enervantes” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 15).

Entre os temas que teriam fundado a ideia de Nordeste, segundo nosso autor, estão “a seca, o cangaço, o messianismo e as lutas de parentela pelo controle dos Estados”

(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 46). É curioso, observar, contudo, que, apesar de tantos anos decorridos desde sua “invenção”, o Nordeste continua sendo representado pelos mesmos temas.

No caso da *fan page* “Nação Nordestina”, em uma amostra de 40 postagens, os temas *variação linguística*, *figura nordestina*, *paisagem*, *alimentação* e *preconceito* apresentaram-se em maior número. Esclarecemos que, para a categorização desses temas, levamos em conta o que aparecia em foco na postagem, bem como a predominância da modalidade presente em cada texto. Assim, observamos que temas como o da *variação linguística* predominavam em textos cuja escrita era a modalidade predominante, ao passo que o tema *alimentação* aparece associado à imagem estática. O gráfico abaixo demonstra o percentual dos temas aqui abordados:

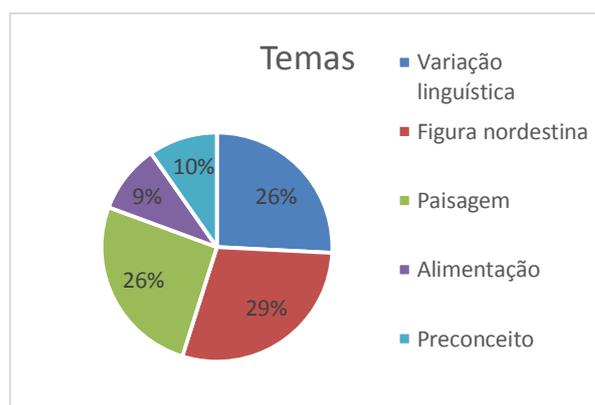


Gráfico 01: Temas mais recorrentes na *fan page* “Nação Nordestina” no ano de 2016

Os temas encontrados compõem um conjunto de performances relativas ao corpo que fala de maneira específica por pertencer a determinado grupo e que possui hábitos que o particularizam. Esse conjunto ajuda a compor um imaginário nacional de ser nordestino. Albuquerque Júnior (2011) defende que o Nordeste tem sua criação baseada numa pseudounidade cultural, geográfica e étnica, na qual se encontram poder e linguagem, a percepção imagética e textual da espacialização das relações de poder em um momento histórico cujas decisões políticas e econômicas eram centralizadas ao sul do país. Desse modo, tem-se a definição de uma região, produto de uma operação de homogeneização, que se dá na luta com as forças que dominam outros espaços regionais.

Sabemos, entretanto, que a região é uma unidade que contém uma diversidade, e por isso ela é aberta, móvel e atravessada por diferentes relações de poder que permitem a visibilidade de uns e a invisibilidade de outros. A página *Nação Nordestina* bem poderia ser um exemplo de resistência ao visibilizar figuras nordestinas que fugissem a esse estereótipo. Longe disso, a maior parte dos dados arrolada no tema figura nordestina assim a ilustram:



Figura 02: *Figura nordestina (mulher com jegue)*

A figura 02 é a de uma mulher que, seguida por um jegue, traja roupa escura em meio à passagem árida. É uma mulher que labuta no transporte de água, já que no imaginário coletivo, esse lugar, é sempre o lugar da ausência de água. É o estereótipo que longe de representar seus vários atores, recorre a figuras que se associem à pobreza, à dificuldade e ao sofrimento. Seguramente, já ouvimos a expressão *cabeça chata* para descrever uma figura nordestina. Construções como essa são produtivas porque o estereótipo, “além de lançar mão de matérias e formas de expressão do sublunar, ele se materializa ao ser subjetivado por quem é estereotipado, ao criar uma realidade para o que toma como objeto” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 30).

O segundo tema encontrado nos dados é, sem dúvida, um dos que provocam mais estranhamento ao lado da figura do sertanejo ou da sertaneja. Refiro-me ao tema “variação linguística” que, apesar de críticas recentes à consideração de grupo homogêneo no âmbito dos estudos linguísticos, constitui uma ideologia linguística importante para demarcar limites de pertencimento ou não a determinados grupos sociais. Não é de hoje que inúmeras pesquisas têm

se dedicado ao estudo das variações linguísticas em todo o país, no entanto, o que se vê é reiteração de uma fala que não se sabe bem quem a enuncia, algo que tão bem foi expresso por Albuquerque Júnior (2011) nessas palavras:

Os personagens falam “nordestino”, uma língua formada por um sotaque postiço e acentuado e um conjunto de expressões pouco usuais, saídas do português arcaico, de uma determinada linguagem local ou de dicionários de expressões folclóricas, de preferência (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 30).

Além do artificialismo que se pode perceber na variedade que é atribuída a falantes da região Nordeste, é preciso considerar que há inúmeros fatores a serem considerados antes de se considerar que nordestinos usam determinada palavra, realizam determinados sons fonéticos, como o que se vê a seguir:



Figura 03: *Varição linguística (Oxe)*

Nesse sentido, acreditamos que uma página intitulada “Nação nordestina” perde a oportunidade de dar visibilidade à diversidade que é constitutiva de um lugar com postagens que reforçam a homogeneidade de um uso linguístico. O uso de *oxe*, ícone da cultura baiana, permite-nos um exemplo de iconização de um traço linguístico como representante básico de um grupo social, mas leva a pressupor um uso comum, estendido a grupos entre os quais não se faz uso dessa interjeição. Não obstante isso, devemos problematizar:

Se há “dialetos” no Brasil, temos também discursos e imaginário sobre cada um desses supostos dialetos. Não se trata de uma distinção fonológica, morfológica ou sintática; a distinção é entre “nordestinos” e “sudestinos”, entre “caipiras” e “urbanos”, entre “letrados” e “iletrados”, entre “culto” e “popular” (PINTO, 2013, p. 138)

Por que então a necessidade de recorrer aos mesmos modelos, com suas figuras e expressões como se todos os nordestinos assim o fossem? Ainda precisamos manter o discurso da polarização que coloca de um lado o Norte e de outro o Sul com base em paradigmas naturalistas?

Sabemos, com Albuquerque Júnior (2011) que a diferenciação Norte e Sul é ancorada em um pensamento naturalista que consideram raça e meio como os responsáveis por tal diferenciação. Assim sendo, ao Norte compete o caráter mestiço de sua raça e a tropicalidade de seu clima em oposição ao Sul, considerado o lugar do desenvolvimento e do povo de origem ariana. Em consequência disso, “o Norte estaria condenado pelo clima e pela raça à decadência” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 71) e discursos vindos de ambos os espaços explicavam então o atraso do país, chegando a clamar pela restauração europeia, já que o nortista era considerado um tipo físico cujo esqueleto era pequeno, defeituoso e tendia a envelhecer precocemente.

Salientamos aqui que a influência do meio é determinante na estratégia discursiva de manutenção da diferenciação entre as regiões e esse discurso se vale da descoberta da seca em 1877 para construir uma argumentação capaz de conseguir recursos nos centros de poder e enfrentar suas dificuldades. Assim:

O discurso da seca e sua “indústria” passam a ser a “atividade” mais constante e lucrativa nas províncias e depois nos Estados do Norte, diante da decadência de suas atividades econômicas principais: a produção de açúcar e algodão” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 72).

Entre as postagens que ilustram o tema *seca*, a que recebeu o maior número de interações, entre reações positivas e/ou negativas, comentários e compartilhamentos é a que traduz o significado de chuva em uma paisagem que costuma ser sinônimo de seca:



Figura 04: *Crianças tomando banho de chuva*

A chuva é o elemento de exceção contra uma performance que se sustenta no discurso da seca e que, portanto, não tem chuvas com regularidade. É claro que não desconhecemos o fato de que a região geográfica onde está localizada o Nordeste apresenta índices baixos de chuva, o que se questiona aqui é a manutenção de uma imagem de carência, de quem vive em um espaço de sofrimento e que, por isso mesmo, suas performances corpóreo-discursivas não poderiam ser de outro modo. Vale lembrar que há no mundo países que também sofrem com a escassez de água, mas que não são representados por imagens de seca, como é o caso de países do Oriente Médio.

Se as novas tecnologias, com a web 2.0, oferecem espaços de escrita novos e distintos (BARTON; LEE, 2015), não seria razoável esperar que novos usos da linguagem pudessem revelar múltiplos rostos, múltiplas paisagens e também diferentes hábitos? Com efeito, não é porque há potencialidade no espaço virtual para inovações que teremos novas representações identitárias, até porque nem todas as práticas de linguagem no ambiente digital são novas. Não descartamos, apesar disso, que “construir sentido por meios multimodais é uma maneira de posicionar a si mesmo e aos outros” (BARTON; LEE, 2015, p.33). Entre os temas que ajudam a compor essa representação de si, está aquilo que comemos, como se pode conferir na imagem adiante:



Figura 05: *Baião de Dois*

Com frequência, os pratos típicos da região nordestina retratam baião de dois, o cuscuz, a panelada, para citar alguns deles. Em todos, há predominância de carboidratos, o que é indicativo de que não se tem uma alimentação equilibrada no dia a dia. Pessoas de outras regiões chegam a indagar se comemos a buchada de bode todos os dias, como se a dieta pudesse ser composta apenas de pratos típicos. Desconhecimentos como esse reforçam o preconceito contra uma região que é rica em sabores, cores e paisagens.

Cumpra chamar a atenção para a percepção que um usuário da internet, especialmente na condição de responsável por uma página em rede social, tem do que faz on-line, ao dizer/escrever/mostrar. Na combinação de recursos semióticos e na escolha de usos linguísticos, temos práticas de linguagem mobilizadas que constituem performances, as quais são representações de identidades de quem somos, de quem desejamos ser, ou de quem podemos ser.

Por fim, para não dizer que a página Nação Nordestina não consegue atingir o objetivo de enaltecer a cultura nordestina em toda a sua diversidade. Constatamos que sempre que surge um novo fato que demonstre preconceito contra o nordestino, a página se pronuncia. A postagem a seguir foi publicada em resposta a uma de várias vezes em que alguma pessoa famosa usou de voz pública para falar negativamente do povo nordestino:



Figura 06: *Contra o preconceito*

Os comentários dos internautas (pessoas que curtem e/ou interagem na página) a essa postagem destacam-se na ênfase de um vocabulário próprio, como em “NORDESTINA ARRETADA” no primeiro comentário e no dialogismo presente em comentários que se contrapõem a esse preconceito, como se vê nos segundo e terceiro comentários:

MG Sou NORDESTINA ARRETADA, e que região linda é a nossa. Essa ridícula que apareceu aí, até agora eu não sei quem é, sinceramente!!! Já falei isso hoje e repito. Mas não faço questão de saber.

MDGL Moro em SP trazida pelos meus pais, mais sempre briguei defendendo minha terra, e faço questão de dizer sou Nordestina com muita honra, ai se alguém falar contra enumero tudo de bom que nós temos, não voltei porque aqui casei tive filhos mais todos gostam e respeitam minha terra.

DO Não é a toa que até no espaço foi a região brasileira que mais chamou atenção da astronauta Italiana Sam Cristoforetti, Nordeste seu lindo!

Os comentários dos internautas não deixam dúvidas de que a diversidade existe, seja entre os habitantes, seja no meio, algo que se torna mais visível nos comentários que nas postagens do responsável pela página. É curioso constatar que é comum entre nordestinos que alcançam visibilidade nacional a manutenção de uma imagem estereotipada de ser nordestino, seja como o homem do humor, seja como o poeta do

Cordel. Ao menos é isso o que se pode perceber ao longo das postagens de Bráulio Bessa que, após exibição frequente no Programa da Rede Globo “Encontro com Fátima Bernardes”, privilegia a representação homogênea e estereotipada aqui trazida.

Também não queremos dizer com isso que devemos alimentar uma eterna briga de quem somos. Com efeito, “a questão da identidade online não diz respeito apenas a *quem somos*, mas também a *quem queremos ser para os outros*, a *como os outros nos veem* (BARTON; LEE, 2015, p. 94, *grifos do autor*) e isso é muito mais complexo do que podemos imaginar. Isso porque há identidades, no plural, daí preferirmos a adoção de performances. Além disso, são muitos os fatores que intervêm quando se buscam seguidores na rede. Assim, é importante pensar como um conjunto de textos multimodais que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas e com diferentes estilos contribuem não para a visibilidade do que é diverso, mas a serviço de uma homogeneidade e, ainda “uma identidade presente na natureza” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 15:

Não há dúvida de que as escolhas para publicação são conscientes e que há um conjunto de ideologias linguísticas nelas presentes, desde a escolha da foto da página (homens vestidos com roupa de couro) a escolhas linguísticas que tantas vezes representam parte do Nordeste, como se viu com um exemplo de uso baiano e também como vê via novelas da Rede Globo, com falares da região alagoana e pernambucana. Essa variação nordestina teria no trabalho de Marroquim (1945), uma das razões para vermos a generalização indevida de falares de alguns lugares (Alagoas e Pernambuco) como sendo de todos. Ao lado disso, há uma vasta literatura que foi produzida nos anos de 1930 e ficou conhecida como o romance de 30 que, de lá para cá, continua a ser fonte de um falar regionalista em detrimento das mudanças contemporâneas que se dão hoje.

Considerações finais

Este trabalho pretendeu compreender a constituição identitária de nordestinos na *fan page* Nação Nordestina do *Facebook*, considerando-se as relações que podem ser

estabelecidas entre ideologias linguísticas e a estabilidade/mobilidade de suas performances corpóreo-discursivas (BUTLER, 1990).

Para tanto, apoiamo-nos em autores como Blommaert (2014) e Butler (1990), com os quais pudemos defender que as pessoas não apenas usam a linguagem, mas ao usarem-na, demonstram suas crenças sobre o uso da linguagem. Esse uso, de maneira reiterada, produz uma performatividade cujo efeito pode ser entendido como a compreensão de quem somos.

Nesse sentido, pudemos constatar em uma *fan page* que tem como objetivo o enaltecimento da cultura nordestina que as ideologias linguísticas nela presentes reforçam uma visão estereotipada de ser nordestino. Isso acontece com a publicação de postagens que reiteram performances corpóreo-discursivas de um homem que é fruto de um ambiente árido e avesso a um ambiente moderno, ao reforçarem dicotomias como o sertão e o mar, a chuva e a seca. Além disso, não reflete a diversidade que é constitutiva de uma região composta por nove estados com constituições identitárias bastante singulares e diversas entre si.

Somos conscientes de que ao mesmo tempo em que nosso trabalho abre o debate para o questionamento da diversidade contida na pretensa homogeneidade de um grupo social, também deixamos de contemplar aspectos importantes que podem influenciar a visibilidade de uma página em rede social. Por esse motivo, é pertinente que continuemos a suscitar o questionamento de quem podemos ser quando decidimos aceitar aquilo que esperam que sejamos. São questões que não se fazem sem linguagem, sempre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BLOMMAERT, Jan. Ideologias linguísticas e poder. In: SILVA, Daniel do Nascimento e; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira (Org.). **Nova pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 67-77.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia.** Tradução de Joaquim Torres e de António M. Magalhães. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** 10. ed. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

KROSKRITY, Paul V. Language Ideologies. In: DURANTI, Alessandro (Ed.). *A Companion to Linguistic Anthropology.* Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2004. p. 496-517.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste.** 3. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1945.

MELO, Glenda Cristina Valim de; MOITA LOPES, Luiz Paulo. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. **Linguagem em (Dis)curso.** LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 653-673, set./dez. 2014.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Ideologia linguística: como construir discursivamente o português no século XXI. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **O Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PINTO, Joana Plaza. Prefiguração identitária e hierarquias linguísticas na invenção do português. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **O Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 120-143.

PINTO, Joana Plaza; FABRÍCIO, Branca Falabella. (Org.). **Exclusão social e microrresistências: a centralidade das práticas discursivo-identitárias.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2013.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane. **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs.** São Paulo: Parábola, 2013. p. 13-36.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

SOBRE A AUTORA:

Possui graduação em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará, Mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará e atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia.